

LITERATURA PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: UM OLHAR SOBRE A LEITURA DE *BEST-SELLER*

Fernanda de Andrade Santos
Universidade do Estado da Bahia

Cleide Selma Alecrim Pereira
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Este trabalho tem por objetivo observar as influências dos usos dos *best-sellers* como um dos degraus para a formação do leitor. Para isso, uma pesquisa de campo, através de entrevistas semiestruturadas, foi realizada com alunos do quarto ano do turno matutino da escola técnica CETEP, Centro Territorial de Educação Profissional – Sertão Forte, Euclides da Cunha – Ba, com o propósito de observar a contribuição da leitura dos *best-sellers* em sua formação como leitores. O texto segue dividido em dois momentos: primeiro, discutimos sobre o leitor e suas escolhas de leitura literárias; segundo, os resultados da pesquisa a campo, a partir da qual chegamos à conclusão que sim, os *best-sellers*, como qualquer texto literário, que fizeram parte da vida do leitor, têm sua importância reconhecida como um dos degraus para a formação do leitor. Como apoio teórico, alguns autores foram utilizados, a fim de contribuir para a pesquisa, a exemplo de Abreu (2006), Petti (2019), Silva e Zilberman (1995), que discorrem sobre leitura literária, além dos autores Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017) que discutem acerca das fases do leitor.

Palavras chave: *Best-seller*. Formação de leitores. Literatura.

Introdução

O que é literatura? Para uma criança é aquela historinha da *Chapeuzinho Vermelho* que Dona Alcione contou durante o momento deleite na sala do quarto ano do fundamental I; para um adolescente, que ainda não esteja no Ensino Médio, é o último volume do livro da escritora Jojo Moyes, autora do *best-seller* *Como Eu Era Antes de Você* ou *Me Chame pelo Seu Nome*, de André Aciman; para um estudante do Ensino Médio é *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, obra obrigatória para estudar sobre o movimento modernista da literatura brasileira; para um acadêmico de Letras, literatura talvez sejam os textos de representatividades, é toda literatura que vai além de autores canônicos, são os textos contemporâneos.

No contexto escolar, podemos compreender que a literatura é ir além das obras e textos canônicos, considerados clássicos, estudados em uma sala de aula. É trazer para dentro dela o que os jovens andam lendo em seu tempo vago. Pensando nisso, a presente pesquisa tem por objetivo observar a influência dos usos dos *best-sellers*, dentro e fora da sala de aula, como um dos degraus para formação do leitor. Por entendermos a relevância da cultura de massa para a atualidade, consideramos a leitura de *best-sellers* como meio para o amadurecimento literário,

uma vez que, por meio deles, o jovem pode já ir construindo seu repertório literário mediante seus próprios interesses.

Dado o exposto, este trabalho pretendeu investigar, a partir da coleta de dados obtidos através de entrevistas semiestruturadas, feitas com alunos do quarto ano do turno matutino da escola técnica CETEP, Centro Territorial de Educação Profissional – Sertão Forte, em Euclides da Cunha – BA, a contribuição da leitura dos *best-sellers* para a formação do leitor. Autores, a exemplo de Abreu (2006), Petti (2019), Silva e Zilberman (1995), que discorrem sobre leitura literária, além dos autores Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017) que discutem acerca das fases do leitor.

A partir dos estudos teóricos e das análises obtidas na coleta de dados, pudemos, ao fim da pesquisa, observar a relevância não só das obras clássicas indicadas aos estudantes pelos professores, como também a escolha própria das leituras que puderam contribuir ou não para a formação do leitor crítico. Para chegar a este resultado, utilizamos como meio metodológico a abordagem qualitativa, através da pesquisa de campo, valendo-nos do dispositivo de entrevista semiestruturada, realizada na própria dependência da escola técnica CETEP. O instrumento de coleta foi aplicado entre os meses de outubro e novembro de 2019, em horários agendados, com um total de 09 sujeitos.

A escolha pelo colégio CETEP, de educação profissional, se dá por este estar focado em disciplinas da área de exatas, e não na de humanas. Portanto, o objetivo da entrevista neste local foi o de observar e analisar como se dá a formação do leitor para este público, se fica restrito somente a leitura das obras cobradas pelo colégio ou se os *best-sellers* fazem parte do seu dia a dia, contribuindo assim em sua formação como leitor.

O critério único a ser utilizado na escolha dos entrevistados é que estes tenham lido pelo menos um livro (completo ou não), seja ele de qualquer gênero, no prazo mínimo de seis meses, que tenha sido por indicação escolar ou não.

Após a coleta de dados, as informações foram digitadas e feita a identificação de cada participante com as devidas substituições dos nomes, de modo a resguardar sua identidade. Ressalta-se que esta pesquisa foi encaminhada ao Conselho de Ética e devidamente aprovada para a execução.

O corpo do texto está dividido em alguns segmentos principais: primeiro, discutimos sobre o leitor e suas escolhas de leitura literárias; na segunda parte, apresentamos a análise das entrevistas coletadas no colégio CETEP levando em conta as fases do leitor segundo os autores Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017).

Foram relacionados os dados coletados através das entrevistas realizadas com o processo de formação do leitor (sujeito da pesquisa), desde a sua infância ao processo de escolha da obra literária de maneira crítica, além de ressaltar as possíveis influências ocorridas nas escolhas dessas obras. Desta maneira, pudemos, ao fim, analisar se houve ou não a contribuição da leitura dos *best-sellers* para a formação do leitor.

Leituras & literatura: entre o íntimo e o público

Quando jovem, a maioria das pessoas já deve ter passado pelo *bullying*, seja como vítima ou praticante. Há casos de *bullying* por uma pessoa ser alta ou baixa demais ou por qualquer outro motivo. Entretanto, já ouviram falar de *bullying* literário, ou preconceito literário?

Bullying ou preconceito literário são cometidos contra leitores de *best-sellers*. E, assim como ocorre com as demais formas de *bullying*, o seu espaço principal de atuação ainda se encontra dentro das escolas e por vezes nas universidades. As escolas nos apresentam um acervo literário que acreditam ser a alta literatura, a literatura escrita com L maiúsculo e exclui do seu currículo obras considerados *best-sellers*, leitura, na maioria das vezes, não convencional e que nem chega a status de literatura pelos críticos literários, embora, hoje em dia, haja um crescente investimento por meio do mercado editorial nos *best-seller*, de modo a agradar seu público leitor do século XXI.

Por mais que a literatura esteja sempre se renovando e ganhando definições cada vez mais próximas do leitor, ainda assim parece ser mais fácil ou aceitável classificá-la conforme o que os críticos literários definem ser literatura. O público leitor, na maioria das vezes, parece não ter voz para opinar a respeito, o que leva a literatura atual ainda a caminhar entre o que é público (obrigatório) e o privado (proibido/não aceitável).

O proibido são aquelas leituras estereotipadas como inúteis, que servem apenas para o lazer e o entretenimento, as famosas leituras de massa ou *best-seller*. Já o obrigatório são aquelas leituras que a escola e os professores nos apresentam como leitura indispensável à nossa vida escolar, os famosos cânones literários, a nata da literatura. Todavia, é esquecido que cada leitor possui seu próprio gosto e que ele próprio pode montar seu acervo literário. Sobre a leitura dos *best-sellers*, Abreu expressa:

Se tantas pessoas os compram e os leem é porque julgam que são produções literárias de alto valor, ou porque se divertem e se emocionam ao lê-los. Entretanto, como você já deve saber, a opinião de professores e intelectuais sobre eles não é das melhores. Quando se trata dos melhores livros do século, os eruditos esforçam-se para lê-los e, sobretudo, para ter o que dizer sobre

eles, pois isso é sinal de distinção e os coloca no topo da intelectualidade. Quando se trata de *best-sellers*, ocorre justamente o inverso: dizem, galhardamente, que não leram e que, mesmo assim, não gostam. (ABREU, 2006, p. 18)

A leitura, neste ponto, é como compor uma imagem social de uma pessoa. É como aquele ditado, “dirás com quem andas e eu direi quem tu és”, da mesma maneira acontece com o que andamos lendo. Por exemplo, em uma universidade, em determinados cursos, quando se pergunta a uma determinada pessoa o que ela está lendo, talvez por querer mostrar um lado mais intelectual, esta dirá: “li recentemente Guimarães Rosa e Euclides da Cunha”. Quem ouve esses dois grandes nomes da literatura, com certeza dirá que aquela pessoa é um intelectual, o que não acontecerá com uma pessoa que diz estar lendo *A sutil arte de ligar o foda-se: uma estratégia inusitada para uma vida melhor* (2017) que, embora a leitura tenha sido mais fluida e mais divertida, não quer dizer que o nome de Joana Faro venha ter mais peso que o de Guimarães Rosa ou Euclides da Cunha.

Conforme Abreu,

A escola ensina a ler e a gostar de literatura. *Alguns* aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que *quase todos* aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal. (ABREU, 2006, p.19, grifo da autora)

Diante ao que foi abordado, aprender a dizer sobre determinado livro é como criar para si uma imagem social literária. Poucos chegaram a ler de fato *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ou *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, mas até mesmo aqueles que não o leram, aprenderam a dizer (ou repassar o que ouviram) que tais obras são um clássico da literatura e que suas leituras são maravilhosas, além de enriquecedoras. Embora, no aconchego de seu quarto à noite, essas mesmas pessoas estejam imersas nas aventuras de *Sherlock Holmes*, do escritor britânico Arthur Conan Doyle.

Sobre livros e produções literárias, recentemente houve dois casos polêmicos em que foram emitidas ordens de recolhimento de determinados livros, considerados “inapropriados” para o consumo, por assim dizer. O primeiro caso aconteceu em setembro de 2019¹, quando o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, ordenou que determinados livros fossem retirados do evento da Bienal do Rio de Janeiro por considerar impróprio, pois em uma das Histórias em quadrinhos (HQ) apareciam dois personagens homens se beijando. A

¹ Reportagem extraída do site e disponível em: <<https://cutt.ly/dhdpdVU>> Acesso em: 26 fev. 2020.

decisão de censurar livros, grande parte *best-seller* e alguns com temática LGBT+, a exemplo, *Com Amor Simon*, da autora Becky Albertalli, causou grande comoção na população brasileira contra a ação de Crivella, como é o caso do *Youtuber* Felipe Neto que, em um ato de repúdio à ação do prefeito, comprou quase 14 mil exemplares com temática LGBT+ e doou todos durante o evento da Bienal. Nas embalagens dos livros, todo revestido em saco preto, estava escrito a seguinte mensagem: “Este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas. Felipe Neto agradece a sua luta pelo amor, pela inclusão e pela diversidade”. Por fim, o Supremo Tribunal Federal (STF) derrubou a decisão do prefeito que censurava os livros no referido evento.

No segundo caso ocorrido no início do mês de fevereiro de 2020², conforme divulgado em diferentes mídias sociais e visuais que a Secretaria de Educação de Rondônia (Seduc), através de um documento, determinou que fossem recolhidos nas escolas estaduais 43 títulos considerados clássicos da literatura, a exemplo de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Macunaíma*, de Mario de Andrade, *Memória Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, entre outros, por serem considerados “conteúdos inadequados às crianças e adolescentes”.

Nos dois casos apresentados, os motivos para censura e recolhimento dos livros dos espaços em que se encontravam eram por serem considerados, segundo os especialistas da decisão, “conteúdos inadequados” e que feririam a “boa conduta” do povo brasileiro. No primeiro exemplo foram censurados livros tidos como *best-sellers* de temática LGBT+, já no segundo caso, os livros censurados foram de autores conhecidos a exemplo dos grandes nomes da nossa literatura brasileira, como foi citado anteriormente, e que a leitura de uma dessas obras dos referidos autores, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, entre outros, poderiam ferir a moral da família brasileira através do consumo dessas histórias “inapropriadas” para os jovens.

Diante dos exemplos, ter um nome de peso e ser bastante conhecido pelos maiores críticos da literatura não fez com que as obras consideradas canônicas não fossem censuradas, da mesma forma como ocorreu com os *best-sellers*. Então, os fatores utilizados para as censuras foram além do nome de prestígio e seu valor canônico, foram, por assim dizer, por critérios ideológicos em vigor ou fatores políticos, como podem ser percebidos no seguinte trecho sobre o valor de uma obra literária. Segundo Abreu,

[...] estamos tão habituados a pensar na literariedade intrínseca de um texto que temos dificuldade em aceitar a ideia de que não é o valor interno à obra que a consagra. O modo de organizar o texto, o emprego de certa linguagem,

² Reportagem extraída do site e disponível em: < <https://cutt.ly/9hdpuDG> > Acesso em: 26 fev. 2020.

a adesão a uma convenção contribuem para que algo seja considerado literário. (ABREU, 2006, p. 41)

É válido lembrar que não se pretende discutir aqui o sistema político atual no Brasil e sua ação (censura) nas manifestações artísticas, em especial no consumo e divulgação das obras literárias, mas reforçar que essas produções literárias, sua divulgação e consumo não estão isentos das influências dos fatores políticos, ideológicos e culturais vigentes em um país. A partir dos critérios pontuados por Abreu (2006), podemos entender que, nos exemplos, as apreensões dos livros ocorreram mediante ações políticas de grupos conservadores que buscavam ditar o que devemos ou não consumir. É como voltar ao tempo e perceber que a leitura virou algo perigoso e clandestino, assim como cita Petit no seguinte exemplo:

Meninos que adoram a poesia e que leem clandestinamente para evitar que seus colegas lhe batam e os tratem de “bajuladores” ou “maricas”; [...] mulheres no campo que leem tomando todo tipo de precaução, e que escondem o livro se um vizinho vier visitá-las, para não parecer desocupadas; pais que ficam irritados quando encontram seus filhos com um livro nas mãos, embora eles próprios lhes tenham dito que “é preciso ler”; docentes de letras que escondem o romance que estão lendo quando vão entrar na sala dos professores, para não passarem por “intelectuais” [...]; e também universitários que não leem outra coisa senão teses e monografias, e desconfiam dos que manifestam interesse pelos livros. (PETIT, 2013, p. 33)

A leitura, aquela que deveria ser vista como algo positivo, prazeroso e que possibilita ao leitor inúmeros benefícios tanto para ele quanto para a sociedade, a exemplo do aumento do vocabulário, conhecimento de outras culturas, além do prazer pessoal, por vezes parece ser uma ação feita às sombras, às escondidas.

Sempre ouvimos que os jovens leem pouco e campanhas são desenvolvidas em favor da leitura, porém o que estas parecem pedir é que sejam lidos títulos já pré-selecionados, esquecendo que quem tem voz de escolha é o leitor e não um grupo que seleciona o que deve ser lido ou não.

O texto não preexiste à sua leitura, e leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa; é no processo de interação desencadeada pela leitura que o texto se constitui: “cada leitura é nova escrita de um texto. O ato da criação não estaria, assim, na escrita mas na leitura, o verdadeiro produtor não seria o autor mas o leitor”. (JOZEF, 1986 apud SILVA; ZILBERMAN, 1995, p. 26)

O leitor é parte fundamental na leitura e sentido de um texto. Ele pode e deve escolher sobre o que ler. Como um sujeito participativo na construção de um texto, sua ação não se

configura em um ato solitário, mas ativo, através de sua interação entre o texto e o autor. Para Petit (2013, p. 41), “[...] a leitura pode ser, em qualquer idade, um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado.”. A leitura é um mundo em que o leitor e o autor criam, recriam e interagem. É um espaço íntimo, por vezes, compartilhado e nunca isolado.

Histórias que nos transformam em leitores: experiências de leitura do aluno leitor do CETEP

Falar sobre leitura ou formação de leitores pode ser considerado um tema íntimo, pois envolve confiança. Não é falar somente sobre o amadurecimento literário de um leitor, mas também sobre o próprio amadurecimento pessoal, que, em boa parte dos casos, podem estar caminhando juntos.

Não é proposta aqui apontar qual tipo de texto literário é melhor ou mais aceitável na formação de leitores, mas perceber que, além da denominação que usamos para distinguir os livros literários, sejam eles obras canônicas ou *best-sellers*, ainda assim, toda e qualquer leitura é válida e cada uma tem um papel importante na vida e crescimento de cada leitor. Assim como nossa vida é cheia de etapas, que vão desde a infância à idade madura, a leitura, a formação do leitor, também passa por fases que precisam ou deveriam ser respeitadas. Ferrarezi Jr. observa que,

O processo de desenvolvimento do gosto pela leitura se dá, grosso modo, em três fases inter-relacionadas. É preciso compreender bem essas três fases, até para ser capaz de identificar em qual delas nosso aluno se encontra e saber como trabalhar com ele. Afinal, um adulto pode estar ainda na primeira fase e nunca ter dela passado. (FERRAREZI JR.; CARVALHO, 2017, p. 30-31)

As três fases que o autor menciona dizem respeito às fases que passamos durante a educação básica e que também fazem parte da formação e “construção de um leitor” (FERRAREZI, 2017, p. 30). São elas: fase do prazer, que está ligada à estética, ou seja, somos atraídos para o que é belo, o que nos agrada visualmente; depois temos a fase da intuição, quando começamos a interagir com o texto, a exemplo, no momento que opinamos com quem a protagonista da história deveria ficar ou que determinada cena deveria ter sido descrita com mais ação ou mais entusiasmo; e por último temos a fase do formalismo ou teoria, como bem afirma Ferrarezi (2017, p. 40), como a fase de “enxergar beleza no estilo, na combinação da

sintaxe, na tessitura das palavras, na qualidade textual da obra”. Essas são bases fundamentais, quando seguidas, podem fazer grande diferença na formação de leitores.

Além dessas fases importantes que deveriam ser respeitadas, principalmente no espaço escolar, ainda temos os fatores externos que contribuem com o processo constante da formação de um leitor: a família, amigos e o meio em que ele se vive.

Durante a análise das entrevistas realizadas com os sujeitos-alunos sobre a formação de um leitor, observamos que as fases que Ferrarezi cita não fizeram parte, diretamente, da formação daqueles alunos e, além da escola, pouco ou nada da família e de amigos, ou do meio em que vivem, puderem ajudá-los nesse processo, pelo menos na primeira etapa dessa formação leitora. A maioria são filhos de pais com pouco ou nenhum acesso à educação formal, muitos só sabem escrever o próprio nome. Poucos eram os materiais para leitura, pelo menos na maioria das casas dos participantes, resumindo em apenas jornais, livros didáticos, livros e revistas da igreja, o que não é muito atrativo para uma criança que está no início da aprendizagem, em razão de, durante esse período, o gosto pela leitura se dá de maneira estética, segundo Ferrarezi (2017, p. 36).

Durante os primeiros anos da vida escolar de uma criança, quando ela está no início da aprendizagem, uma das metodologias que os professores costumam usar, principalmente, para ensinar a ler, é a leitura compartilhada e individual dos clássicos da literatura infantil durante o momento de deleite, conhecido como a hora da roda de leitura. Para boa parte dos professores, este é um dos momentos usados para ensinar a criança a aprender e gostar de ler, mas para o aluno é a hora da historinha, um dos momentos em que a leitura ainda é usada somente para o prazer e não como obrigação ou castigo, como pode ocorrer nos anos seguintes.

Quando perguntado aos participantes da entrevista sobre experiência de leitura durante a fase do fundamental I, todos responderam lembrar da roda de leitura. Um momento em que, durante o início da aula, sentados de maneira que formavam uma roda, podiam ler as histórias, ou um trecho, e depois comentavam sobre seus personagens preferidos. Aqueles primeiros contatos com a literatura eram considerados um momento de interação e deleite para a criança e que, em alguns casos, avançava para além dos muros das escolas e chegava à casa, conforme mencionam os participantes a seguir:

E: tinha na escola a rodinha de leitura?

Lucas: tinha. Eu sinto falta disso.

E: sente falta?

Lucas: sim. Tenho na mente gravada um livro “Vida de droga” que relatava a história de dois adolescentes. Assim, ouviam, só que todo mundo lia, né. Cada um lia uma parte e eu sinto falta disso até hoje.

Sara: Gostava muito de ler historinhas, minha mãe comprava muito. Aqueles kits de livro de historinhas porque eu gostava muito de ler. Historinhas pequenas [...] aquelas historinhas de Chapeuzinho vermelho, João pé de feijão, Cinderela... Princesas, esse tipo. Gibis da turma da Mônica.

Esses foram exemplos de recordações que os participantes dizem lembrar sobre seus primeiros contatos com a literatura. No entanto, ao passarem para o fundamental II, houve, para a maioria, uma ruptura na rotina que adquiriram nos anos anteriores. Nesse momento, a leitura não tinha mais espaço como algo que lhes proporcionava prazer, mas passou a ser usada como objetivo único de aprender a gramática normativa. O foco era, a partir de um trecho de determinado texto, um conto, uma crônica ou uma tirinha das histórias do personagem Calvin, por exemplo, identificar as orações existentes naquele texto ou aprender sobre o predicado nominal.

Segundo os participantes, foi nesse período que perderam o hábito da leitura. Para alguns, a justificativa era que não tinham mais incentivo, outros diziam que a prioridade já não era mais a leitura, mas outras atividades, como podem ser notadas nos seguintes depoimentos:

Juliana: Vamos dizer que eu focava muito na escola e nesse período os professores num dava coisa pra gente ler, então focava... Agora mesmo, eu num gostava de matemática, gostava mais de leitura, de português. Quando passei pro dois (Fundamental II), aí eles gostavam mais de matemática porque focava mais nela. Porque os professores de português não dava essas coisas pra gente ler. Então já fui perdendo o hábito.

João: É aquela velha história, os professores falam: olhe, você tem que ler, mas de vez em quando eles apresentavam uns livros que não chamam aquela atenção assim, com nove, dez anos...

O que percebemos é que, durante os anos finais do fundamental I, uma vez que os alunos já tenham aprendido a ler e a escrever, o foco dos anos seguintes não é mais continuar com a formação de um leitor, incentivando-os através de indicação de leituras ou atividades com textos literários, mas sim ensinar a gramática normativa.

Boa parte dos entrevistados responderam que a escola ou professores pouco ou nada tiveram influência no quesito de incentivo à leitura de obras literárias, principalmente durante o Fundamental II. Todavia, embora a maioria, antes do Ensino Médio, não tivesse contato com nenhum livro que não fosse o livro didático, dois alunos relataram que tiveram contato com a literatura: João, através do amigo que o incentivou a ler a saga *Percy Jackson*, e Juliana, por meio do incentivo de seu irmão e sua cunhada, além de seu marido, todos apaixonados por leitura. Ela lia muitos romances, a exemplo de *Como eu era antes de você* e *A culpa é das*

estrelas, além das histórias em quadrinho (embora, para ela, quadrinho não seja literatura³), mas, o que ela de fato mais lê na atualidade são os livros de “difícil leitura”, pois a incentivam a prestar mais atenção na história, mesmo que acabe voltando às páginas inúmeras vezes até entender.

Ferrarezi (2017), no início desta seção, nos fala sobre as fases da formação de um leitor, o que nos levou a perceber que os participantes desta pesquisa não seguiram as fases conforme a ordem que foram apresentados: prazer, intuição e teoria; ainda assim, isso não quer dizer que a maioria deles não passaram pelo amadurecimento literário. Às vezes, o amadurecimento literário de um leitor pode estar ligado ao próprio amadurecimento pessoal de cada indivíduo, o que pode ser exemplificado nas seguintes falas:

E: Com relação aos gêneros literários, qual tipo de livro você realmente gosta de ler atualmente: romance, conto, poesia, ficção, outros...

João: Livros de cunho teológicos, economia, vamos dizer... Campo empresarial que engloba economia, investimentos de empresas, contabilidade... Eu gosto de ler também política, não tanto os livros da área, mas de pouco em pouco vou adquirindo porque o dinheiro não dá, mas esses são os principais campos: campo teológico, campo empresarial e campo, assim, aquele negócio. Vez ou outra tem algumas ficções que eu gosto que elas trazem alguns fatos reais dentro dela, vamos dizer que é um pouco de realidade disfarçada e... Só esses.

Mateus: [...] Eu gosto mais de livros de filosofia e não de romance.

Sara: romances e contos. Assuntos do dia a dia, cotidiano.

Joana: Atualmente eu leio mais literaturas, né. Eu gosto do livro de romance. Também amo o livro de poesias. São os livros que mais, eh, me chama atenção, né. Então eu gosto de tá lendo esses livros.

José: eu costumo ler romances hoje em dia, a maioria que leio é romance.

Lucas: livros e blogs (sobre carros)

Para cada leitor, as respostas foram dadas mediante os gostos pessoais e conforme o que estavam estudando no momento ou o que têm acesso. João relatou sobre as leituras na área do campo teológico e empresarial, uma vez que ele nasceu em uma família de evangélicos e desde pequeno foi exposto a material relacionado à sua religião. Também demonstrou interesse em materiais relacionados à área em que estuda: “leio só pra tirar informação, tanto é que ficção eu leio muito pouco”.

³ Para os autores Baptaglin, Ribeiro e Moura (2017, p. 6) literatura e histórias em quadrinhos caminham juntos, uma vez que, segundo eles, partindo da ideia de Batista (2010, p. 34), “os quadrinhos embora tenham adquirido um ‘cruzamento de linguagens diferentes’, acabam se complementando e coexistindo com a linguagem verbal e a linguagem não-verbal, desenvolvidas através da criatividade dos autores”.

BAPTAGLIN, Leila Adriana. RIBEIRO, Rhafael Porto. MOURA, Raphael Michels Fantinato de. **Quadrinhos e a Literatura: A importância de novas formas de criar novos leitores.** Atuará Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palma, v.1, p. 17, 2017.

Mateus, menciona gostar muito de literatura e temas relacionados à área de filosofia, a exemplo dos livros: *O príncipe*, de Maquiavel, e *A megera domada*, de William Shakespeare. Seus gostos literários estão mais relacionados aos clássicos da literatura, uma vez que estes foram indicações do professor de filosofia e sociologia, professor este que os demais alunos disseram ser o responsável pelas indicações de leituras em conversas informais, por eles estarem retomando, gradualmente, o hábito de leitura.

Lucas é um estudante que sempre gostou de ler e, em determinado momento da entrevista, diz sentir falta das rodas de leitura, porém, diante das responsabilidades que foram surgindo e o avanço aos anos no colegial, a leitura foi deixada em segundo plano, o que ele justifica, dizendo: “Às vezes você fica muito no celular, aí você acaba... Hoje o *YouTuber*, né. Acho que é o principal culpado, você tira o hábito da leitura pra ver um vídeo, por exemplo, que é mais simples e fácil”.

Os demais alunos disseram gostar de romances e poesias, mas que, de alguma forma, as histórias estejam voltadas a situações da realidade, é como se pudessem se enxergar nos enredos.

Quando foi perguntado a eles a respeito das leituras, os livros que a escola usava para fins educativos e avaliativos, citaram dois nomes: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, para fazer um fichamento (a maioria respondeu não ter concluído a leitura) e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, (em HQ), para fazer uma apresentação sobre a obra e o autor. Sobre a leitura deste livro, Lucas diz: “Eu comecei a ler e tem uma linguagem muito difícil, aí acaba se tornando cansativo. Tem que ficar voltando, relendo pra poder entender. E eu acho meio cansativo esse livro específico, né”.

Embora Lucas diga que acha a linguagem de *Grande sertão: veredas* difícil, ainda assim ele prefere livros nesse mesmo estilo, principalmente se forem relacionados à sua área ou temas filosóficos, a exemplo de livros que seguem a mesma linha de *O Guia Politicamente Incorreto*. São da mesma opinião Mateus, João e Juliana, esta inclusive, embora fale que gosta muito de ler livros considerados *best-seller*, como é o caso de *A culpa é das estrelas*, segundo ela, o que faz realmente seu coração bater mais forte e os olhos brilharem são as literaturas canônicas, pois a fazem conhecer lugares e época diferente da sua.

Juliana: Assim, quando eu passei a gostar, eu tinha na minha mente que a importância era de conhecer história de outros lugares, eu tinha isso na minha mente. É importante pra eu conhecer a história de outros lugares, estar saindo da nossa realidade. Eu sempre coloquei isso na minha cabeça, a importância era esse. Sair da nossa realidade e ir pra outra realidade.

Para ela, esse modelo de literatura parece trazer as histórias mais estruturadas e envolventes, não tão previsíveis quanto os *best-sellers*. João segue a mesma opinião de Juliana e acrescenta que os cânones “são a cara e a cultura de um país”. Sobre a leitura dos *best-sellers*, Joana os enxergam, assim como todos os textos literários, como uma forma de manifestação artística: “Eu considero assim esses livros como literatura, né... porque a literatura ela é uma manifestação, uma manifestação artística do ser humano, né. Então, eh, o ser humano se expressa através das palavras escritas, seja elas qual forem”. Sobre a importância dos livros literários, seja qualquer gênero, João diz:

João: Muito bons. São muito bons suporte para a vida. É aquele negócio, quem lê tem cultura e tem argumento. Então é assim. Tem pessoas que não lê, mas tem a alienação... Mas, então assim, o legal de pessoas que lê, é que são pessoas que tem argumento. Elas têm ideias. Ela tem como pensar nas coisas. Elas têm informação. Então eu acho muito relevante assim essas literaturas porque, por mais que sejam gêneros simples: um gibi, história infantil, *best-seller*... são bons porque você começa. a sua mente começa a se desenvolver porque como dizem: literatura é um modo universal de aprendizado.

O interessante nos depoimentos é que para eles não há distinção entre as literaturas. Não há literatura maior ou menor, ou mais importante, há somente literatura. As categorias, as distinções entre os textos literários ficam a cargo de quem estuda e pesquisa sobre a teoria da literatura, mas para um leitor que usa a leitura somente como um dos prazeres da vida e não como estudo, literatura é: o que EU gosto e o que EU não gosto. É o gosto literário pessoal de cada indivíduo.

Ferrarezi (2017, p. 30), ao citar as fases da construção de um leitor (prazer, intuição e teoria), uma vez que o leitor passa pela fase do prazer, goste da literatura, a partir daí já começa a fazer suas próprias escolhas literárias, a montar seu acervo e com o tempo vai avançando em seu refinamento literário à medida que cresce como pessoa, como leitor. Algumas leituras deixarão de fazer parte de seu acervo para dar espaço a outras que vão surgindo, pois já não o satisfaz, como menciona João no seguinte trecho da entrevista sobre a mudança dos gostos literários:

João: Eu creio que comecei a dar prioridade, porque assim eu nunca deixei totalmente de lado. Como eu disse, né, eu tô lendo um livro de ficção bem interessante chamado “Rainha Vermelha”. O nome dela é Vitória, mas não lembro o resto. É um livro bom quando eu tava lendo. Achei problemas políticos, uma coisa da nossa realidade, mas é um livro assim bem bom. As fantasias meio que expressam a realidade entrelinhas. [...] eu creio assim que eu nunca mudei, mas a prioridade que hoje eu dou prioridade ao que me traga aprendizado. Eu comecei a levar essa prioridade comigo.

Joana começou a ler através de livros com histórias pequenas, assim como os demais participantes, avançando, posteriormente, para os quadrinhos (o que ela ainda gosta) e depois para os livros considerados *best-seller* por incentivo de sua cunhada. Contudo, segundo ela, chegou um momento em que aquelas histórias já não a satisfaziam, pois se tornaram entediantes, com finais previsíveis. Ela precisava de algo que a fizesse pensar, ansiar pelo final, mesmo que tivesse que ler com um dicionário por perto. Assim, segundo Joana, se apaixonou pelos livros considerados os cânones da literatura, embora ela não conhecesse o que era um cânone.

Formar um leitor é saber que, como tudo na vida, existe um processo e fases. Não se espera formar um leitor dando-lhe a teoria antes de ensiná-lo a gostar de literatura, como também, não se espera que o aluno esteja preparado para entender *Memórias Póstumas de Brás Cuba*, no Ensino Médio, sem antes ter passado pela fase da intuição durante os anos finais do Fundamental, quando era o momento de aprender a interagir com o texto, entendê-lo.

Cada texto literário tem importância na formação de um leitor, pois diz respeito às fases em que nos encontramos quando temos contato com eles. Na infância, gostamos de ler histórias infantis, pois são os primeiros que temos contato, além do livro didático, uma vez que nos atrai esteticamente. Na adolescência, quando começamos a sonhar com alguém especial, no período que nos apaixonamos, é normal querer ler histórias que nos fazem sonhar mais ainda com esse momento e com coisas a ele relacionadas: os amores vividos, idealizados, platônicos, não realizados. Na fase adulta, quando começam aparecer as responsabilidades, os gostos literários se voltam para áreas que escolhemos seguir carreira, seja por interesse próprio ou para nos manter atualizados.

Pensando na formação de um leitor, para alguém que perdeu o hábito da leitura, mas que busca retomar, foi perguntado aos participantes o que eles indicariam para essas pessoas.

Joana: Pra quem tá iniciando na leitura, eu indico o *best-seller*, né. Até porque, é algo que eu sei que vai chamar a atenção dos jovens pra ler. Os jovens gostam muito de assistir séries, vê filmes. Então é algo que vai chamar atenção deles pra ler né. Vão gostar da leitura. É uma leitura mais fácil... A compreensão... E que faz com que eles se envolvam, né. Sintam o gosto pela leitura. Aí quando pega o gosto pela leitura, então qualquer coisa seja dada pra eles ler, eles vão ler, inclusive esses, essas literaturas clássicas.

Sara: Indicaria um *best-seller* porque ele aparenta ser mais conhecido, onde ele poderia até ouvir outras pessoas falarem com mais frequência sobre ele e daria também curiosidade.

Os nove participantes disseram indicar os *best-sellers* para alguém que está adquirindo o hábito da leitura, mesmo que eles não lessem no momento, mas entendiam a importância dessa literatura. Luzia diz: “tem a mesma importância quanto as outras leituras. Acho que qualquer leitura é válida, desde quando você leia com carinho, com respeito e atenção”.

Por último, foi perguntado: o que é ser leitor para você? Joana respondeu de maneira tão poética que podemos notar o quanto ela aprendeu a apreciar uma boa leitura para poder fazer tal analogia:

Joana: Ser leitor pra mim, eu considero como uma paixão que você tem pelo seu namorado, por mais nesse caso seria pelo seu livro. Você tem um caso de amor com ele. Você quer tá sempre perto dos seus livros. Você quer sempre folhear com suas mãos, você quer sentir o seu cheiro. Você quer conhecê-lo profundamente. Então ser eleitor pra mim é isso. É você ter um caso de amor com as palavras que estão escritas em cada livro, em cada história que você conhece. Que você se sente como se você fosse o próprio personagem, como se você fizesse parte daquela história.

Ser eleitor sabem, eh, você se sentir feliz quando alguém pede uma dica de um livro pra você. Esse leitor é você pensar que seria tão bom se todos os dias você pudesse conhecer um novo leitor e você também influenciar outras pessoas ser um leitor como você.

O objetivo inicial deste trabalho foi observar a influência dos usos dos *best-sellers*, dentro e fora da sala de aula, como um dos degraus para formação do leitor, mas ao final das entrevistas, percebemos que, além de fazerem parte da formação dos leitores, também fizeram parte da vida pessoal de cada um. Os *best-sellers* não são somente aqueles livros que se encontram em alta em um determinado momento ou época, mas são livros, assim como os textos canônicos, que fizeram parte da vida de uma pessoa. São livros que fizeram alguém sonhar com algo além da sua própria vida. São narrativas que transcendem o gênero, a idade e classe social. É aquela aventura que possibilita ao leitor conhecer e viajar por outros mundos, abrindo janelas para outras realidades.

CONCLUSÕES

Enfim, sobre o que é literatura, pode-se constatar que alguns aspectos precisaram ser levantados para então chegar a uma possível definição sobre o que é ou pode ser considerado um texto literário partindo de alguns critérios, a exemplo: o sujeito, o grupo e o local de onde se fala, além do período em que ela está situada, já que a literatura também é considerada um produto ideológico do meio, o que nos leva ao embate entre a literatura como Tradição (cânone) e a Massificação (*best-seller*), termos conhecidos e discutidos na atualidade quando falamos

sobre literatura e formação de leitores.

Para quem tem como objeto de estudo a literatura e a formação de leitor, parece natural conhecermos esses termos, porém, após a aplicação e análise das entrevistas realizadas com alunos-leitor do CETEP, pudemos perceber que, fora da universidade, o que existem são leitores que pensam a literatura como algo que “gosto” e o que eu “não gosto”, o que me “identifico”. Percebemos ainda que, para cada fase da nossa vida como pessoa, existe também a fase como leitor e que ambos caminham juntos. Na infância gostamos de algo que nos atrai esteticamente. Na juventude, procuramos por leituras que nos façam lembrar, de alguma forma, o que estamos vivendo naquele momento. Quanto à vida adulta, buscamos por leituras que dizem respeito a áreas que escolhemos seguir profissionalmente.

Compreende-se, então, que toda e qualquer literatura, além da contribuição do professor, é válida na formação do leitor, seja ela um clássico literário ou um romance de banca, ou uma leitura informativa, desde que o leitor possa interagir com o texto que está em suas mãos, seja o texto físico ou digital. Os *best-sellers*, como qualquer texto literário, também fizeram parte da vida do leitor em algum momento e, assim como as demais leituras, têm sua importância reconhecida como um dos degraus para a formação do leitor.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FERRAREZI JR. Celso. CARVALHO, Robson Santos. **De alunos a leitores:** o ensino da leitura na educação básica. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

PETIT, Michèle. **Leituras:** do espaço íntimo ao espaço público. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro. ZILBERMAN, Regina. **Leitura:** perspectiva interdisciplinares. 3. ed. São Paulo: Ártica S.A., 1995.

SOBRE O (A/S) AUTOR (A/S)

Fernanda de Andrade Santos

Especialista em Neuropsicopedagogia, Faculdade Futura de Votuporanga (FUTURA);
Graduanda em Letras pela Universidade do Estado da Bahia- Brasil. E-mail:
nanda.509@hotmail.com

Cleide Selma Alecrim Pereira

Mestra em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB);
docente do campus XXII da UNEB- Brasil. E-mail: cleidealecrim@gmail.com